

Um diálogo entre a educomunicação e a ciência cidadã: possibilidades do trabalho com jovens de uma comunidade quilombola no interior da Bahia

Rejâne Maria Lira-da-Silva
Mariana Rodrigues Sebastião
Simone Terezinha Bortoliero
Mariana Menezes Alcântara

Introdução

Em um momento em que os conhecimentos científicos estão cada vez mais vinculados ao crescimento econômico e se mostram eficientes em algumas situações para dar soluções a problemas sociais e ambientais, os cidadãos, não só futuros cientistas ou engenheiros, podem se beneficiar se preparados e dispostos a enfrentar dilemas relacionados com a ciência e a tecnologia. Os conhecimentos e informações tornam-se hoje estratégias potentes para estas pessoas compreenderem e fundamentarem suas posições e argumentos. Uma interação com o conhecimento científico pode contribuir para uma melhor qualidade de vida, e o acesso ao saber científico pode se apresentar como mais uma vantagem no cenário de busca pelo direito à cidadania.

A ciência ensinada na escola não pode ser desconectada de outros saberes. Compreendê-la como construção humana é que vai aproximá-la do cotidiano de estudantes, sendo possível discutir, refletir e criticar as positivities e negatividades da sua produção e compreender como esse conhecimento pode ter sentido para múltiplos segmentos da sociedade. O conhecimento científico veiculado na escola precisa possibilitar a interação do estudante com a sua cultura. Isso significa proporcionar a eles a possibilidade concreta de desenvolver potencialidades, no sentido de serem capazes de refletir criticamente e agir por si próprios na sociedade da qual fazem parte, interferindo na própria realidade (GUERRA, 2012).

Atividades práticas para ajudar as pessoas a desenvolver um entendimento de conceitos científicos com o pensamento crítico podem seguir os princípios do que hoje é conhecido como Movimento Ciência Cidadã. De acordo com Lodi (2016), trata-se hoje de um tipo de ciência que envolve a participação voluntária do público em geral, no qual cidadãos atuam como colaboradores em projetos de ciência. Nessa colaboração com cientistas em projetos de pesquisa organizados, cidadãos podem contribuir com informações valiosas que podem ser usadas para desenvolver e fornecer políticas, inclusive melhorar a compreensão de muitos desafios que a sociedade enfrenta atualmente.

Embora seja uma abordagem de investigação utilizada pelos projetos de pesquisa, a Ciência Cidadã é um conceito flexível que pode ser adaptado e aplicado a diversas situações, a exemplo de práticas com o público de uma comunidade, tendo como alguns dos benefícios a oportunidade de aprendizagem, respostas para questões com relevância local, nacional ou internacional e até a influência de políticas em diversas áreas, além de oportunizar que as pessoas sejam mais participativas nas questões da sua comunidade (BONNEY *et. al.*, 2014; ECSA, 2016).

Práticas de educação baseadas na Ciência Cidadã podem ser facilmente associadas aos princípios da educação libertadora de Paulo Freire (1983), aquela que possui ênfase no processo do aprendizado, no qual o educador constrói junto com o educando e que se pretende, com o diálogo, a problematização do próprio conhecimento na sua relação com a realidade, para melhor compreendê-la,

explicá-la e transformá-la. Para Freire (1983), a educação é comunicação e diálogo quando não está na exclusiva transmissão de conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato de compreender os significados.

A educação libertadora de Paulo Freire está na estrutura básica do pensamento de Mário Kaplún (1987) quando propõe uma Comunicação Popular Participativa que esteja ao serviço de um processo educativo libertador e transformador. Para Kaplún (1987), através desta comunicação, a comunidade vai compreendendo criticamente a sua realidade e adquirindo instrumentos para transformá-la, tendo como bases o diálogo e a participação. Neste método, enfatizar o processo significa ver a educação como um movimento em que o sujeito faz o seu conhecimento e no qual o educador está para estimular o processo de análise e reflexão, aprendendo junto com ele.

Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência de um trabalho feito com a juventude da comunidade de São Francisco do Paraguaçu, distrito da cidade de Cachoeira, na região do Recôncavo do estado da Bahia. Unindo a Comunicação Popular Participativa, neste trabalho chamada de Educomunicação, através das contribuições de Mario Kaplún (1987) e os princípios do Movimento Ciência Cidadã, os jovens construíram materiais de comunicação – jornal impresso, programas de rádio e vídeos – sobre as questões relacionadas ao lixo e à água no seu povoado.

A educomunicação e os princípios do Movimento Ciência Cidadã: uma associação possível

Nascida como uma abordagem de investigação como qualquer outra, a Ciência Cidadã é hoje um fenômeno mundial crescente, recentemente revigorado pela evolução das novas tecnologias que conectam as pessoas de forma fácil e eficaz com a comunidade científica. Enquanto metodologia, possui limitações e viesamentos. Mas, o que interessa a este projeto, são os princípios que regem a sua definição. O principal deles é a criação de projetos que foquem questões importantes para a comunidade e que tornem as pessoas mais participativas (BONNEY *et. al.*, 2014; ECSA, 2016).

Projetos de ciência cidadã envolvem ativamente os cidadãos nas atividades científicas. Ao contrário de abordagens científicas tradicionais, providencia

oportunidades para um maior envolvimento do público e para a democratização da ciência. O intuito é que sejam desenvolvidos métodos participativos para cooperação, para conectar cidadãos e ciência, através da promoção da participação ativa. Dessa maneira, converte-se em uma importante forma de entender problemas causados ao ambiente pelos seres humanos.

Quando aplicados de forma local, estes princípios podem ajudar a entender problemas e prever as consequências deles com mais facilidade. Cidadãos têm acesso a informações valiosas que não são conhecidas, ou que não estão disponíveis. Existe a possibilidade de encontrar respostas para muitas questões e técnicas para alcançar o desenvolvimento educacional e participação ativa das comunidades, e as novas tecnologias têm sido ferramentas valiosas para que os cidadãos desempenhem esse papel mais ativo (BONNEY *et. al.*, 2014).

Para Mario Kaplún (1987), cada tipo de educação corresponde a uma determinada prática de comunicação. A função da Comunicação Popular Participativa é justamente prover os grupos de educandos de canais e fluxos de comunicação, e prover materiais de apoio concebidos como geradores de diálogo, destinados a ativar a análise, a discussão e a participação. O conhecimento, por sua vez, segundo Freire (1983), exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo, solicitando a ele uma ação transformadora sobre a realidade, uma reflexão crítica de cada um sobre o próprio ato de conhecer. Por exemplo, no caso do conhecimento científico, “É necessário que se discuta o significado deste achado científico, a dimensão histórica do saber, a sua inserção no tempo, a sua instrumentalidade”, e tudo isso é diálogo (FREIRE, 1983, p. 52).

Em suas ações de Comunicação com grupos populares em vários países da América Latina, Mario Kaplún (1923-1998) preocupava-se em discutir um modelo de comunicação que representasse os excluídos socialmente. O seu objetivo era tornar os receptores mais críticos e participativos, garantindo que a cidadania fosse exercida no processo de recepção. Ainda que esses grupos pudessem participar como emissores dos processos de produção de programas radiofônicos, televisivos ou de meios alternativos. Essa comunicação estimulava a promoção comunitária e a educação de adultos.

Kaplún (1987, p.184) afirma que a principal característica da Comunicação Popular Participativa é gerar e estimular o diálogo, para que *“los sectores populares comiencen a hablar ellos mismos, a decir su propia palabra, a autoexpresarse”*. Por isso acredita que é uma comunicação que segue o modelo de educação com ênfase no processo, que é problematizante e ajuda a pessoa a desmistificar a sua realidade, pois forma para a participação na sociedade.

Estimular o trabalho dos estudantes com os temas relacionados a ciências a partir da Comunicação Popular Participativa é fundamental para estimular reflexão sobre as temáticas. Kaplún (1987) ressalta que é fundamental que os educandos possam associar situações, compará-las, interpretá-las, vivê-las intelectual e emocionalmente para poder extrair conclusões. Dessa maneira, as temáticas serão trabalhadas de maneira que a comunidade possa vê-los com outra perspectiva crítica: *“(...) analizarlos, discutirlos, reflexionarlos, emitir un juicio (...)”* (KAPLÚN, 1987, p. 102).

Esta educação, com a participação ativa do sujeito, entende que somente participando, se envolvendo, investigando, fazendo perguntas e buscando respostas, problematizando e problematizando-se é que se chega realmente ao conhecimento. O que importa neste processo é que o sujeito aprenda a aprender, que seja capaz de resolver por si mesmo, de sair da consciência ingênua e desenvolver sua capacidade de decidir, de relacionar, de elaborar sínteses, isto é, passar para a consciência crítica.

Os sujeitos e o local do trabalho

São Francisco do Paraguaçu é um povoado remanescente de quilombolas, distrito município de Cachoeira, Recôncavo Baiano. Possui cerca de 2.000 habitantes e está localizado às margens da baía do Iguape, sub-baía da Bahia de Todos os Santos, com influência do Rio Paraguaçu. No seu entorno estão abrigadas famílias que possuem a pesca artesanal, o extrativismo vegetal e a agricultura de subsistência como principais atividades econômicas para sobrevivência (BAHIA, *Online*; DIAS & BANDEIRA, 2011).

Apesar da grande riqueza natural e histórica, a situação da comunidade é de vulnerabilidade socioeconômica, baixo índice de escolaridade e negligência por parte dos órgãos públicos. Os serviços de saúde, educação e infraestrutura são precários.

As atividades de Educomunicação e Ciência Cidadã nesta comunidade foram a promoção de oficinas de produção de vídeos, programas de rádio e jornal impresso. Foram propostas pela Sala Verde da Universidade Federal da Bahia (SV/UFBA) e ancoradas através de edital pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (PROEXT/UFBA). O principal público-alvo foi constituído de crianças e adolescentes da comunidade, que estudavam na escola do próprio povoado. A equipe da Sala Verde UFBA envolvida na atividade foi multidisciplinar: duas jornalistas, uma bióloga, uma química e uma estudante de comunicação, além do apoio de profissionais da área de pedagogia, medicina e biologia, colaboradores voluntários da Sala Verde.

A primeira etapa das oficinas foi realizada durante todo o mês de janeiro de 2015, período de férias escolares dos jovens do povoado. As atividades foram realizadas na Escola Estadual de Primeiro Grau de São Francisco do Paraguaçu, que cedeu seu espaço para realização das ações. Todos os dias, nos turnos matutino e vespertino, as oficinas eram realizadas. Cerca de 30 crianças e adolescentes, com idades entre 8 e 14 anos, se inscreveram para as atividades, e este número ia ora aumentando, ora diminuindo, com o passar dos dias. As demais fases do trabalho foram realizadas no período entre os meses de março e junho do mesmo ano.

Concretizando a parceria entre Educomunicação e os princípios do Movimento Ciência Cidadã: o passo a passo do trabalho

a) A Pré-alimentação

O primeiro passo do trabalho foi a pré-alimentação. De acordo com Kaplún (1987) esta é a etapa inicial do processo comunicativo e é por onde se deve começar um processo de educomunicação. Significa escutar e entender os pontos de vista do grupo com o qual se vai trabalhar sobre alguns assuntos importan-

tes. No caso de São Francisco do Paraguaçu, era importante compreender quais eram considerados os principais problemas da comunidade.

A pré-alimentação começou algum tempo antes do início das oficinas com os jovens. O trabalho foi processual, contando com uma aproximação e conquista da confiança da comunidade pela equipe, em um trabalho que durou cerca de dois anos. Para isso, uma das ações foi uma visita à diretora da escola do povoado com o apoio do líder comunitário no primeiro semestre de 2014. Os professores da escola foram convidados a participar de uma oficina de vídeos elaborada especificamente para eles e, meses mais tarde, estimulados a convidar seus alunos para participar de uma oficina de produção de hortas escolares. Essa aproximação foi fundamental para que todos se reconhecessem, para que as atividades continuassem e para compreender que pelo menos duas temáticas eram preocupantes tanto para os adultos quanto para as crianças da comunidade: o lixo e a água.

b) O processo produtivo dos materiais de comunicação nas oficinas

A primeira oficina realizada com os jovens foi a de produção de jornal impresso. Decididas na pré-alimentação as principais temáticas a serem trabalhadas, o primeiro passo foi conversar com os jovens sobre noções de como se produz este tipo de material de comunicação: ações e elementos necessários e equipe envolvida.

A etapa seguinte foi sair pelo povoado com os jovens, separados em equipes e munidos de câmeras fotográficas para registrar o que para eles significava lixo. Feito isso, o seguinte passo foi discutir sobre as imagens e então produzir as matérias sobre os diferentes tipos de lixo encontrados pela comunidade. Foi necessário também entrevistar professores e moradores do povoado para compor as matérias.



Figura 1: Jovens fotografam o lixo encontrado no povoado - Fonte: Arquivo pessoal.

A produção dos textos foi um árduo trabalho para a equipe da Sala Verde UFBA, pois foi o momento em que mais se apresentou a dificuldade dos estudantes. A maior parte, mesmo tendo idade entre 8 e 14 anos, não sabia ler nem escrever. A estratégia utilizada pela equipe foi estimular a discussão do assunto entre os jovens para que eles expressassem as suas ideias, e estas ideias eram transformadas em texto pelos poucos que sabiam escrever ou pelo próprio colaborador da Sala Verde que acompanhava cada equipe.

Apesar de toda dificuldade, onze matérias foram produzidas com as ideias dos jovens para compor o Jornal Salinha Verde (número 2, 5 de junho de 2015): *“O acúmulo de lixo em São Francisco do Paraguaçu”, “Bal era um homem Bom! (Crônica)”, “Cuidado com o vidro!”, “Tem novidade aqui: papel no papel, vidro no vidro, lata na lata e plástico no plástico!”, “Investigando o lixo do povoado de São Francisco do Paraguaçu”, “O sofá abandonado de São Francisco do Paraguaçu”, “A poluição no Convento Paraguaçu”, “De onde vem e para onde vai a água em São Francisco do Paraguaçu?”, “O uso da água no dia a dia da minha casa”, “E se não houvesse o rio e o mar” e “Água para cozinhar”.*

Os textos produzidos enfatizavam, questionavam e refletiam sobre os perigos das doenças causadas pelo acúmulo de lixo em locais inapropriados e pela água

contaminada, investigavam as razões de tal acúmulo de lixo e fatores que contribuem na contaminação da água utilizada pelo povoado, no intuito de compreender a raiz dos problemas.



O acúmulo de lixo em SÃO FRANCISCO DO PARAGUAI

Por: Antônio Carlos Pereira dos Santos, Antônio Marcos Sacramento Cunha, Gil, Cid, José Roberto Medeiros, Guilherme Santos Costa, João Antônio Santos Silva, Estelander do Soc. Cunha, Murilo do Sacramento Silva e Raimundo M. Simões da Silva.

Na madrugada, dia 5 de janeiro de 2015, o nosso grupo saiu de São Francisco do Paraguai para visitar a comunidade. Começamos pela Rua do Cavali, fomos para a Rua do Frade, passamos pela praça e voltamos para a escola.

Durante o passeio, nossa equipe fotografou tudo o que encontramos e pôde notar que o lixo estava espalhado por toda parte: nos passeios, nos bancos, nas ruas, fora das casas, nos banheiros públicos, perto das casas e na beira do rio.

Nossa equipe encontrou todo tipo de lixo:

plásticos, papéis, vidros, latas, resíduos, e até um café velho! Desde então esse lixo, o que não vinha na pilatinha, encontramos garrafas, restos e partes de bater e em grandes quantidades.

Você sabe quanto tempo leva o lixo para se decompor na natureza? A garrafa plástica leva 100 anos. O saco plástico leva de 20 a 100 anos para se decompor e o papel de toalete leva de 1 a 5 anos.

Com o lixo nas ruas podemos contrair doenças, como dengue, hepatite, leptospirose, toxocarose e outras doenças.

Quando o lixo, não fica sendo encaminhado e passamos que uma solução possível seria importante é que a população de São Francisco do Paraguai deveria começar a separar o lixo para poderemos reciclar todo esse plástico.



CUIDADO COM O VIDRO!

Por: Antônio Carlos Pereira dos Santos, Antônio Marcos Sacramento Cunha, Gil, Cid, José Roberto Medeiros, Guilherme Santos Costa, João Antônio Santos Silva, Estelander do Soc. Cunha, Murilo do Sacramento Silva e Raimundo M. Simões da Silva.

O vidro é um material muito útil e usado para fabricar vidros, espelhos, copos, pratos, garrafas, pratos, potes, panelas, jóias, em pratos, espelhos, computadores, telas de smartphones (celulares, tablets, etc.), entre outros.



o problema é quando o vidro se torna lixo e pode virar um risco de saúde para os que camparam por aí, ou quem ele é jogado na rua, no rio, no mar, na lagoa, no rio, no canal e dentro de casa e sem nenhum cuidado. Aí o vidro quebrado pode causar ferimentos graves, cortes e até morte, inclusive nos pets.



Tem novidade aqui: Papel no papel, vidro no vidro, lata na lata e plástico no plástico!

Por: Antônio Carlos Pereira dos Santos, Antônio Marcos Sacramento Cunha, Gil, Cid, José Roberto Medeiros, Guilherme Santos Costa, João Antônio Santos Silva, Estelander do Soc. Cunha, Murilo do Sacramento Silva e Raimundo M. Simões da Silva.

Você já viu a novidade no lixo que vem sendo feito? São as lixeiras para vidro, plástico, papel e metal. Cada uma com uma cor diferente: azul, verde, amarelo e vermelho. A lixeira azul é para o papel. A verde é para o plástico e o amarelo é para o vidro. A vermelha é para o metal.

Quando se passou na praça, observamos que os moradores não estão separando o lixo e isso, além de não ser possível de fazer, não ajuda muito. Então, vamos fazer uma lixeira para vidro, plástico, papel e metal.



Figura 2: Parte do Jornal Salinha Verde - Fonte: www.salaverdeufba.wordpress.com.

O trabalho desenvolvido seguiu o modelo de educação com ênfase no processo, que segundo Mario Kaplún (1987), trata-se de uma educação problematizante, que busca ajudar a pessoa a desmistificar sua realidade, tanto física como social. Nele, existe um processo de ação-reflexão-ação que o sujeito faz a partir da sua realidade, de sua experiência, de sua prática social, junto com os demais. É um modelo autogestionário "y forma para la participación en la sociedad" (KAPLÚN, 1987, p. 53).

Este modelo de educação discutido por Kaplún associa-se ao princípio de Ciência Cidadã de envolver ativamente os cidadãos nas atividades científicas, gerando para eles uma compreensão e conhecimento (ECSA, 2016). No caso destas atividades, estar em contato com figuras comunitárias, entrevistar professores e ir

em busca dos principais locais de despejo do lixo colocava os estudantes frente a frente com os problemas e os prejuízos que ele poderia causar à saúde e ao ambiente da sua comunidade. Refletir sobre tais problemas os fez ver com nova perspectiva de compreensão algo que lhes parece corriqueiro.

A segunda oficina com os jovens foi a de produção de programas de rádio. Esta etapa se iniciou com a transformação dos textos do Jornal Salinha Verde em notícias para serem veiculadas via rádio. Para isso, foi necessário conversar com os jovens sobre noções de como se constroem programas de rádio e o que é necessário para uma boa locução. As matérias produzidas foram transformadas não só em notícias, mas também em campanhas educativas. Além dessas notícias, os jovens apresentaram outras ideias para os programas de rádio. Então, além das campanhas e notícias, foram montados também presentes sonoros, radionovela e entrevistas com temáticas específicas.

Esta etapa foi muito estimulante para os jovens. Primeiro pelo fato de sugerirem novas temáticas, visto que agora eles estavam mais à vontade com as atividades e sentiram a necessidade de usá-la para expressar novos assuntos. Esse exercício é importante porque de acordo com Kaplún (1987), os temas para as nossas obras devem ser tomados da realidade: *“Pueden ser inspirados em hechos da actualidad, o bien em las tradiciones culturales y en la historia de nuestra región”* (KAPLÚN, 1987, p. 93).

Era clara a empolgação deles ao ouvir as suas vozes noticiando as informações ou interpretando personagens. A equipe teve o cuidado de sempre manter os jovens em contato com as suas produções, para que fosse mantido neles o estímulo de continuar na atividade. Ao final de cada semana, as produções eram veiculadas na sede da Associação de Moradores de São Francisco do Paraguaçu para toda a comunidade.

Um dos princípios do Movimento Ciência Cidadã é o de que os dados devem ser tornados públicos, e sempre que possível de maneiras que tenham acesso livre (ECSA, 2016). Por ser uma comunidade pequena com acesso limitado à internet, a melhor maneira de veicular as produções dos estudantes era expondo-as a toda comunidade na Associação Beneficente dos Moradores de São Francisco do Paraguaçu ou da praça pública do povoado. Fazer isso durante o término

de cada oficina funcionou como estímulo para os jovens participantes. Com o passar dos dias os estudantes perguntavam ávidos quais seriam as atividades do dia seguinte.

Durante a Oficina de Rádio, os estudantes, com o apoio da equipe Sala Verde UFBA, produziram os seguintes programas: *“Sala Verde UFBA em São Francisco do Paraguaçu”*, *“Cinema Sala Verde em São Francisco do Paraguaçu”*, *“Entrevista: O cinema Sala Verde”*, *“Denúncia: o sofá na praça de São Francisco do Paraguaçu”*, *“Campanha: não jogue móveis na praça!”*, *“Informação: A Coleta Seletiva em São Francisco do Paraguaçu”*, *“Campanha: São Francisco com coleta seletiva!”*, *“Entrevista: diretora Edilma fala sobre merenda escolar”*, *“Entrevista: Seu Antônio explica sobre o Convento Paraguaçu”*, *“Conversa com especialista: doenças causadas pelo lixo”*, *“De onde vem e para onde vai a água em São Francisco do Paraguaçu?”* e a radionovela *“Chico Chiquinho, o Gari!”*.

A terceira foi a oficina de produção de vídeos. Após ouvirem todas as suas produções de rádio os jovens estavam com o estímulo que a equipe precisava para começar a produção de vídeos. Foi feita a apresentação dos equipamentos que seriam utilizados na oficina e logo após foram entregues câmeras, *tablets* e um *monopod* para *smartphone* através dos quais foram feitas fotos e gravações de imagens.

Neste intervalo, alguns desistiram e novos apareceram. A escola estava sempre agitada, com muitos jovens participativos e ansiosos por cada fase da atividade. Após uma conversa de orientação sobre como são produzidos os mais diversos tipos de vídeos, a primeira parte da produção foi feita com vídeos de desenho, um tipo de audiovisual que permite conhecer as técnicas de produção de vídeos mais complexos. Continuamos com as temáticas lixo e água, mas mesclada com outras temáticas trazidas pelos jovens durante a convivência com a equipe. Após a produção dos vídeos de desenho, foi a vez da produção dos vídeos em campo. Os jovens, junto com a equipe, foram aos locais considerados por eles como mais importantes para a sua comunidade, a exemplo da Barragem do Catu e do Convento Santo Antônio da Bahia. Gravaram imagens, tiraram fotografias, fizeram entrevistas e também se apresentaram como repórteres, concretizando uma experiência divertida e inovadora para eles.



Figuras 3, 4, 5 e 6: Jovens trabalham na produção de vídeos no povoado.

Fonte: Arquivo pessoal.

Nesta e nas fases anteriores, a equipe da Sala Verde UFBA contou com o apoio de figuras importantes na comunidade para a realização das oficinas com os estudantes, como o líder comunitário o cuidador do Convento Antônio Santo Antônio da Bahia, a diretora da escola, a enfermeira do posto de saúde e alguns moradores. Os vídeos produzidos foram: “Leptospirose”, “Cine Sala Verde”, “Não Jogue Vidro No Lixo”, “Tem Novidade Na Praça!”, “O Convento Santo Antônio Do Paraguaçu”, “A Capoeira”, “O Catu”, “Terra, Planeta Água”, “Como Limpar O Tanque De Sua Casa”, “Doenças Transmitidas Pela Água Contaminada”, “Como A Água É Tratada Até Chegar Em Nossa Casa?” e “Telejornal Salinha Verde”.

Ao final do trabalho, o resultado foi de onze matérias para o Jornal Salinha Verde, doze programas de rádio e doze vídeos. Por fim, foi feito um concurso de desenho seguindo o tema: “Qual a minha atividade preferida utilizando a água?”. Os jovens ficaram entusiasmados na hora criação dos desenhos e os melhores desenhos foram premiados com livros.

Todo o trabalho confirmou a afirmação de Kaplún de que para ter bons resultados não é necessário ter equipamentos e materiais sofisticados. A criatividade é essencial para se trabalhar com as possibilidades de poucos recursos: *“(...) con creatividad e imaginación, investigando y experimentando soluciones artesanales, es posible lograr sorprendentes resultados con equipos pobres y recursos materiales modestos”* (KAPLÚN, 1987, p. 243).

c) A retroalimentação

Kaplún (1987) assinala a importância de saber as opiniões daqueles com quem ou para quem se está trabalhando no processo de comunicação. Segundo o autor, esta é a busca da chamada “Retroalimentação”: *“Todas esas opiniones nos sirven para mejorar (...)”* (KAPLÚN, 1987, p. 90). O objetivo é que cada vez mais o comunicador responda às necessidades e aspirações da comunidade. É também princípio da Ciência Cidadã que a contribuição dos seja reconhecida publicamente nos projetos (ECSA, 2016).

A retroalimentação do trabalho foi numa festinha de encerramento para os participantes na Associação de Moradores. Os pais dos jovens e a comunidade em geral foram convidados para conhecerem as produções que foram feitas. Além de familiares, o encerramento teve a presença da diretora da escola do povoado e de líderes comunitários. Foi notório ver a satisfação dos jovens ao ver o resultado dos produtos feitos quando foram exibidos e a ansiedade pelo futuro retorno da equipe do projeto ao povoado.

Na ocasião, a diretora da escola, o líder comunitário e algumas das crianças e adolescentes deram seus depoimentos sobre as atividades. O mesmo foi feito pela equipe da Sala Verde da UFBA, constituindo um momento de troca e reflexão para melhorar a atividade. Esta etapa foi encerrada com a entrega dos certificados de participação nas oficinas e com o recebimento, pelos alunos, do Jornal Salinha Verde, contendo os textos escritos por eles, CD contendo os programas de rádio e DVD contendo os vídeos produzidos. O encerramento envolveu toda a comunidade, que pode ver de perto as produções e o crescimento das crianças e adolescentes da comunidade durante o período.



Figuras 7: Jovens recebem o Jornal Salinha Verde no encerramento das atividades.
Fonte: Arquivo pessoal.

Adotar uma atitude de humildade frente às reflexões críticas ao processo é essencial segundo Kaplún (1987): “(...) em *comunicación popular* debemos estar dispuestos a atender y aceptar las observaciones de nuestros destinatarios (...)” (KAPLÚN, 1987, p. 251). Isso significa admitir a existência pontos a melhorar, e a partir disso, trabalhar para melhorar a experiência. Associa-se também ao princípio do Movimento Ciência Cidadã, de avaliar o projeto levando em conta a experiência para os participantes e a abrangência dos seus impactos sociais (ECSA, 2016).

Conclusões

O trabalho realizado na comunidade de São Francisco do Paraguai demonstrou como associar a Educomunicação com os princípios do Movimento Ciência Cidadã é um grande passo para trabalhar, dentro de uma comunidade, temas de ciências que estão presentes no seu cotidiano. De um lado, a comunicação participativa oferece um espaço de expressão para os jovens, e de outro, a Ci-

ência Cidadã os permite ver os problemas relacionados a lixo e água dentro do seu povoado com olhar crítico e reflexivo.

Essa associação também permitiu que estes jovens, além de participar ativamente no processo de produção, tivessem a oportunidade de entender problemas causados ao ambiente em que vivem, compreendendo as raízes destes e conseqüentemente refletindo sobre o seu papel na sua causa e resolução.

Há ainda muito a ser feito e os trabalhos nesta comunidade continuam. Uma análise de conteúdo do material produzido poderá fornecer caminhos importantes para o planejamento e execução de novas intervenções que trabalhem tais temas numa perspectiva de resolução dos problemas já apresentados. Além disso, essas novas intervenções podem ser pensadas em associação com atividades curriculares na escola do povoado, numa tentativa de enriquecer o cada vez mais o ambiente escolar com atividades e discussões que sejam relacionadas ao cotidiano desta comunidade.

Referências

BAHIA. Convento São Francisco do Paraguaçu. Disponível em: <http://bahia.com.br/atracao/convento-sao-francisco-do-paraguacu/>. Acesso em 03 de out de 2015.

BONNEY, Rick et. al. Next Step for the Citizen Science. *Science Mag.* V. 342, 28 mar. 2014. p. 1436-37.

BORTOLIERO, Simone. Mario Kaplún: a recepção como cidadania na América Latina. *Revista Comunicação & Sociedade.* São Bernardo do Campo: Metodista, 1996. Ano 25. p. 183-208.

CACHAPUZ, Antonio; GIL-PEREZ, Daniel; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de; PRAIA, João; VILCHES, Amparo. *A necessária renovação do ensino das ciências*. CACHAPUZ et. al. (Orgs.). 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DIAS, Thiago Leandro da Silva. BANDEIRA, Fabio Souza de Ferreira. Etnoecologia na Baía do Iguape: identidade cultural, territorial e conflitos sócio-ambientais em comunidades tradicionais. Seminário Estadual de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana. Disponível em: <http://www2.uefs.br/semic>. Acesso em 03 de out de 2015.

ECSA. European Citizen Science Association. 2016. Disponível em: <http://ecsa.citizen-science.net/>. Acesso em 15 de dez. de 2016.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 7ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GUERRA, Denise Moura de Jesus. *Ciências e Educação Popular Comunitária: outros saberes, apropriações outras*. Salvador: Edufba, 2012.

KAPLÚN, Mario. *El Comunicador Popular*. Buenos Aires: Humanitas, 1987.

LODI, Liliane. Movimento ciência cidadã: Participação responsável, esclarecida e voluntária. *Blog Econserv*. Disponível em: <https://econserv.wordpress.com/2016/04/06/movimento-ciencia-cidada-participacao-responsavel-esclarecida-e-voluntaria/>. Acesso em 15 de dez. de 2016.

Sobre as autoras

Rejâne Maria Lira-da-Silva - Professora Titular do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, bióloga, especialista em Venenos Animais, mestre em Saúde Coletiva, doutora em Ciências Médicas e membro da Academia de Ciências da Bahia. rejanelirar2@gmail.com.

Mariana Rodrigues Sebastião - Jornalista, pedagoga, mestra e estudante de doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências na Universidade Federal da Bahia, Salvador. marianasebastiao@gmail.com

Simone Terezinha Bortoliero - Professora Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, jornalista, mestra e doutora em Comunicação Científica e Tecnológica. bortolie@gmail.com

Mariana Menezes Alcântara - Professora da Universidade Salvador, jornalista, especialista em Jornalismo Científico e Tecnológico e mestra em Cultura e Sociedade. mariana.alcantara@unifacs.br